

INFÂNCIA

Não é só a cor amarela. Icterícia em recém-nascido pode deixar sequelas

— Doença pode evoluir rapidamente e levar à paralisia cerebral; diagnóstico e tratamento precoces são fundamentais

MARIANA MACEDO DE MELO*
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Quando Maria Rita de Sousa teve alta do hospital após o nascimento de sua segunda filha, não imaginava que o amarelinho na pele de sua bebê poderia se transformar em uma paralisia cerebral. “Bela nasceu de 38 semanas. Nasceu, chorou, tudo certinho”, conta. No dia da alta, ela percebeu os pontos amarelos na pele da filha, mas o médico recomendou apenas que colocasse a menina no sol. “Dois dias depois, ela só dormia. Isso foi em 21 de dezembro de 2016. No dia 23, ela começou a ter febre alta e a convulsionar. E o amarelo já tinha tomado conta”, relembra Maria Rita. O diagnóstico de paralisia cerebral veio após a avaliação de um neurologista e um exame que detectou alto nível de bilirrubina no sangue.

Sem comprovação
Banhos de 'picão', de telha virgem ou de rosa branca não têm comprovação científica

De cada 10 recém-nascidos no Brasil, de 6 a 8 desenvolvem icterícia (ou amarelão) nos primeiros dias de vida, segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria. Desses, de 8% a 11% (principalmente entre os bebês prematuros) podem apresentar um quadro mais grave de icterícia, a hiperbilirrubinemia, que pode levar à paralisia cerebral, mais conhecida como kernicterus, ou à morte.

A médica Romy Schmidt

Brock, membro do Departamento de Neonatologia da Sociedade de Pediatria de São Paulo, explica que a primeira avaliação, em caso de pele amarelada no bebê, é o exame físico. “É o médico neonatologista que está acostumado a ver a icterícia. A partir dessa avaliação, indica-se a coleta de sangue ou a realização de um exame para determinação transcutânea do nível de bilirrubina. Funciona como um exame de triagem. E hoje em dia a gente tem um aparelho portátil que consegue o resultado no momento em que você encosta na pele do bebê.”

Em 2021, 78 bebês morreram por complicações da icterícia neonatal no País, de acordo com dados preliminares do Painel de Monitoramento de Mortalidade Infantil e Fetal, do Ministério da Saúde. Nos últimos 25 anos, foram ao todo 3.588 óbitos, ou seja, uma média de 143 casos por ano.

O filho mais novo de Fátima Magalhães faz parte dessa estatística. O menino nasceu de parto normal e saiu do hospital antes das 24 horas de vida – mas ele já estava com os olhos amarelos e, no dia seguinte, apresentou febre. Apesar dos sintomas aparentes, ela foi orientada apenas a dar banho de sol na criança. “Quando chegamos ao hospital, ele já estava tendo crises convulsivas”, conta ela.

Depois de 15 dias na UTI e muitas complicações, o menino ficou com diversas sequelas e problemas de saúde. Morreu aos 10 meses.

RISCOS. Mara da Silveira Terra Pereira, mãe de Eduardo Augusto, hoje com 33 anos, lem-



Maria Rita com a filha Bela, de 6 anos; médico recomendou apenas sol, mas o caso era mais grave

Sintomas de kernicterus

- Cor amarelada no bebê
- Redução ou perda de tônus muscular (hipotonia), letargia, choro agudo e sucção debilitada, que dificulta a alimentação pelo leite materno
- Espasmos que geram curvamento da coluna dorsal do bebê, rigidez de nuca, febre e convulsão
- A hipotonia (falta de tônus muscular) é substituída pela tensão excessiva dos músculos da criança

bra que nos primeiros dias após o nascimento do filho percebeu que ele estava com a pele amarelada, mas acreditou que fosse algo normal, porque os outros filhos também apresentaram quadro de icterícia. Uma semana depois, quando levou o filho para realizar o teste do pezinho, uma enfermeira o alertou dizendo que o bebê estava muito amarelo.

“Saí do hospital e fui direto ao consultório do médico. Ele pediu um exame de bilirrubina e viu que estava muito alta. Já internou, pôs num berçinho de luz para fazer fototerapia e aí começou o tratamento”, conta.

Mesmo com o diagnóstico de kernicterus, Eduardo conseguiu ir além do esperado: an-

dou, frequentou escola, universidade e formou-se em publicidade e propaganda. Nos casos de kernicterus, as sequelas mais comuns são as motoras (como incapacidade de andar, falar e sentar) e, em alguns casos, também cognitivas. “A gente luta demais na neonatologia para evitar esse tipo de situação. Então é importante o diagnóstico precoce e o tratamento apropriado”, enfatiza a neonatologista Romy Brock.

Segundo ela, a fototerapia é o tratamento mais adequado em casos de hiperbilirrubinemia porque altera a conformação estrutural do pigmento denominado bilirrubina e ajuda com que ele seja eliminado pela urina e pelas fezes. No entanto, muitas vezes, o grau de produção de bilirrubina é tão alto que a fototerapia não consegue impedir que os níveis do pigmento continuem aumentando.

“Nesse caso, a gente indica a exsanguineotransusão, que seria a troca de sangue de duas volemias, volumes sanguíneos, desse bebê, e que tiraria, nessa troca, tanto a bilirrubina para impedir que ocorra o kernicterus quanto os anticorpos que estão causando a hemólise dos glóbulos vermelhos, e com isso, causando o aumento da bilirrubina”, explica a médica.

RECEITAS. Banho de “picão”, banho de telha virgem e banho de rosa branca são algumas das soluções populares contra

a icterícia. No entanto, nenhuma delas tem comprovação científica.

Segundo dados divulgados em 2010, pela Sociedade Brasileira de Pediatria, o País apresentava cerca de 1,5 milhão de recém-nascidos, por ano, com icterícia nos primeiros dias de vida, sendo que em torno de 250 mil se encontravam em estado crítico e com maior risco de neurotoxicidade, kernicterus ou óbito.

Saber que a icterícia pode se transformar em um caso grave é importante para evitar o kernicterus ou mesmo o óbito por complicações da doença, alertam os especialistas. “O primeiro ponto é não menosprezar. E o segundo ponto é uma adequada orientação para os pais desses pacientes, com a equipe médica explicando e frisando muito a importância do tratamento dessa icterícia para evitar que aconteçam níveis altos de bilirrubina e levar ao kernicterus”, enfatiza a neonatologista Romy Schmidt Brock.

Fátima Magalhães, que perdeu o filho para a doença, reforça o alerta. “Eu não sabia da gravidade da icterícia. Até alguns pediatras subestimam. Meu filho não deveria ter saído do hospital sem fazer um exame de bilirrubina.”

*A REPÓRTER SOFREU UMA PARALISIA CEREBRAL DECORRENTE DE ICTERICIA AOS 6 DIAS DE VIDA. HOJE, AOS 24 ANOS, É FORMADA EM JORNALISMO E INTEGROU A EQUIPE DE FOCAS SAÚDE DO ESTADÃO.

ALEX SILVA/ESTADÃO

FOTO: ALEX SILVA/ESTADÃO

P pressrecoer